

Estimativas de saldos e fluxos migratórios a partir do Censo Demográfico de 1991: uma aplicação para as mesorregiões de Minas Gerais *

José Irineu Rangel Rigotti **

Este artigo tem como objetivo analisar os fluxos e etapas das migrações ocorridas nas mesorregiões de Minas Gerais durante o período 1986-1991. Avalia-se também o papel dos saldos migratórios no crescimento demográfico de cada uma das mesorregiões. São abordadas tanto as migrações interestaduais quanto as intra-estaduais. Propõe-se um tratamento metodológico elaborado especialmente para a realização dos objetivos propostos.

O principal objetivo deste artigo é propor um procedimento para analisar os fluxos e etapas do processo migratório mineiro a partir das informações do Censo Demográfico de 1991. Esta análise foi realizada para todas as mesorregiões do estado, abordando tanto as migrações interestaduais quanto as intra-estaduais.

Os dados censitários diretamente relacionados ao fenômeno migratório permitem o cálculo do número de imigrantes sobreviventes à mortalidade e à remigração em um dado intervalo de tempo e a identificação da origem dos fluxos e do lugar de residência desses imigrantes em uma determinada data anterior ao censo.

A informação “lugar de última residência”, solicitada àqueles que residiram em uma unidade espacial diferente daquela onde foram recenseados, pode ser combinada com a do “tempo de residência”, pois ambas são perguntadas aos que moram no local há menos de dez anos. Doravante, a combinação destes dois quesitos será denominada aqui de “última etapa”, expressão que abarca tanto a dimensão espacial quanto a temporal.

Também se enquadram nas técnicas diretas o tratamento das informações sobre o município, a unidade da Federação (UF) e a condição de residência do recenseado cinco anos atrás, disponíveis no Censo de 1991, e daquelas sobre a UF de residência cinco anos atrás, no caso da Contagem da População 1996.

Este artigo aborda o tratamento simultâneo das informações diretas relacionadas à migração, tornado possível somente a partir do Censo Demográfico de 1991. Há também outras formas de mensuração do fenômeno migratório, inclusive da emigração internacional, através da combinação do uso dos dados diretos e de técnicas indiretas. Esta análise foi realizada em Rigotti (1999).

A utilização dos dois quesitos da informação direta referentes a migrantes de última etapa e datas fixas

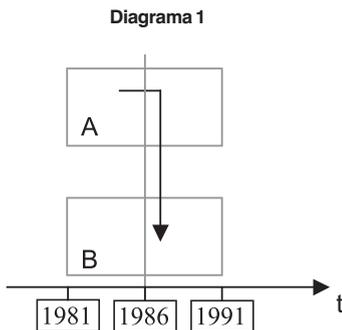
De certa forma, a escolha do quesito censitário induz a análise, ou ao menos a restringe. As considerações a seguir procuram mostrar que, havendo disponibilidade

* Este artigo baseia-se em minha tese de doutorado (ver Rigotti, 1999).

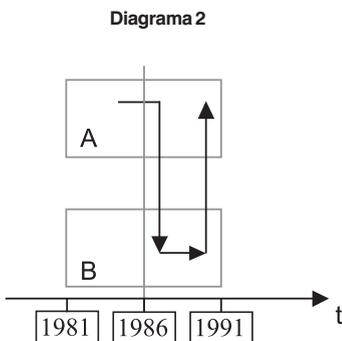
** Professor do Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial da PUC-MG.

de todos os quesitos geralmente relacionados à migração, muitas das restrições podem ser relativizadas e outras informações poderão revelar novos aspectos para o estudo da mobilidade espacial dos migrantes.

O Diagrama 1 mostra um tipo de movimento no qual o migrante sai de uma região A diretamente para outra B, após 1986.



Em relação aos quesitos de migração, tanto o de última etapa quanto o de data fixa resultariam na mesma informação: no primeiro a pessoa declara o local A como o lugar de última residência; no segundo, declara o local A como lugar de residência em 1986. Mas há situações em que isso não ocorre, como pode ser observado nos Diagramas 2 e 3, onde existem etapas intermediárias.



O Diagrama 2 mostra que a informação direta fornece algumas possibilidades para o estudo da migração de retorno de curto prazo, isto é, do movimento daqueles que emigraram e retornaram no decorrer do quinquênio 1986-1991.

Suponhamos a seguinte situação: o migrante do Diagrama 2 residia no município A em 1991, vindo do município B em 1988, e residia em A em 1986. No quesito de data fixa, o indivíduo declara o município A como local de residência em 1986. Também declara o município B como local de residência anterior. Sabe-se, então, que ele residiu por menos de três anos em B (saiu de A para B após 1º de setembro de 1986 e em 1988 mudou-se para A novamente) e que a migração é de *retorno pleno*¹ dentro do quinquênio (residia em A em 1986, saiu e retornou dentro do período), sendo o indivíduo natural ou não do município A.

Esta última informação pode ser obtida por meio do quesito sobre a naturalidade do indivíduo. Caso este seja natural de A, nada se saberá sobre seu lugar de residência antes de 1986, pois ele poderá ter morado ali desde o nascimento até 1986, ou feito vários movimentos migratórios entre o nascimento em A e o local de residência em 1986, também em A. Mas, se o indivíduo for natural de B ou de qualquer outro local diferente de A, pode-se deduzir que antes de 1986 este indivíduo fez pelo menos um movimento migratório até chegar em A.

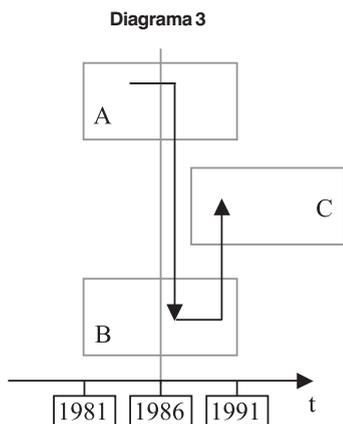
Desse modo, portanto, torna-se possível conhecer a data e o local de origem da migração, uma etapa intermediária do movimento e, também, a data e o local de destino da migração (daí o termo *pleno*).² A migração de retorno, como se sabe, vem despertando grande interesse dos estudiosos – até porque sua importância tem aumentado nas últimas décadas. A identificação dos locais de origem e destino dos migrantes, bem como da data de início do seu movimento, é fundamental devido à evidente diferença de significado histórico

¹ Este termo, *retorno pleno*, expressa um movimento impossível de ser captado antes do Censo Demográfico de 1991. Foi utilizado em Carvalho & Rigotti (1998) para diferenciar este tipo de movimento daquele retorno em que não se conhece a data de saída da região para a qual o migrante voltaria posteriormente.

² Portanto, o termo *retorno pleno* poderia ser aplicado em qualquer outro período, contanto que se soubesse as datas de origem e de destino.

e de ciclo de vida entre um migrante retornado que saiu do lugar de origem há várias décadas e outro que dele saiu há cinco anos. Como cinco anos é um prazo relativamente curto para se completar um movimento de saída e de retorno, pressupõe-se que as regiões menos desenvolvidas sejam aquelas com maior participação deste tipo de migrantes. De fato, nestas regiões o migrante é, em geral, menos qualificado, o que dificulta sua inserção no mercado de trabalho local, aumentando suas chances de retorno.

O Diagrama 3 apresenta outra situação possível:



Assim como no Diagrama 2, a informação direta fornece dados importantes para a análise da migração por etapas. Desta vez, a situação seria a seguinte: o migrante do Diagrama 3 foi recenseado no município C em 1991, vindo do município B em 1988, e residia em A em 1986. Nesse caso, o indivíduo declara o município A como local de residência em 1986 – quesito de data fixa – e o município B como local de residência anterior. Portanto, o indivíduo residiu por menos de três anos em B (saiu de A para B após 1986 e em 1988 mudou-se para C), sendo ele natural ou não do município C. Trata-se, então, de um movimento migratório por etapas (A→B→C). Nada se saberá sobre

a permanência em B, pois o indivíduo não residia ali nem no início do período, nem no final, isto é, nas datas fixas. Se o indivíduo for natural de C, pode-se deduzir que este é um migrante de retorno para C.

A dinâmica migratória das regiões

Todas estas considerações sobre os diferentes resultados dos quesitos censitários diretamente relacionados à migração permitem uma classificação das unidades espaciais de análise segundo a predominância de determinado tipo de fluxo. Certamente, haverá muitos fluxos como aqueles representados no Diagrama 1, isto é: o migrante sai de uma região diretamente para outra, sem etapas intermediárias. Entretanto, o tratamento simultâneo da informação de data fixa e daquela de última etapa pode revelar aspectos importantes da mobilidade espacial dos migrantes.

É de se esperar que haja mais imigrantes de última etapa *vis-à-vis* os de data fixa, pois todos os imigrantes de data fixa também o serão de última etapa, porém os de *retorno pleno*, por definição, não estarão incluídos entre os de data fixa, mas sim entre os de última etapa. Dada uma região, quanto maior a diferença entre o número total de imigrantes de última etapa e o total de imigrantes de data fixa, maior será a importância da *migração de retorno pleno*. Este tipo de imigrante está presente na região A do Diagrama 2.

Quanto à emigração, uma região pode apresentar maior ou menor número de emigrantes de última etapa em relação aos de data fixa. Se os emigrantes de última etapa forem mais numerosos, a região estaria funcionando como uma etapa intermediária do processo migratório: grande parte dos emigrantes de data fixa não *reemigrou* e/ou houve muitos imigrantes do período que *remigraram*, sem fazer *reemigração* posterior.³ Neste perfil se encaixaria o imigrante da região B dos

³ Nesta análise, *remigração* e *reemigração* são termos que se referem a uma determinada unidade de análise. *Remigração* em relação a uma região é referida aos imigrantes de um período que, em seguida, dentro do próprio período, mudam para outra região. *Reemigração* em relação a uma região é referida aos emigrantes de data fixa da região que, em seguida, dentro do mesmo período, mudam para uma terceira região.

MATRIZ
Dados de migração – origem X destino

Região de Origem	Região de Destino			Emigrantes
	A	B	C	
A	n_{11}	n_{12}	n_{13}	n_1
B	n_{21}	n_{22}	n_{23}	n_2
C	n_{31}	n_{32}	n_{33}	n_3
Imigrantes	$n_{.1}$	$n_{.2}$	$n_{.3}$	N

Diagramas 2 e 3. Ao contrário, se os emigrantes de data fixa forem em maior número do que os de última etapa, significa que muitos emigrantes de data fixa *reemigraram* posteriormente. Este tipo de emigrante seria aquele representado na região A do Diagrama 3.

Nota-se que a análise da dinâmica migratória depende da referência espacial, isto é, das áreas de origem e destino, pois várias regiões estão envolvidas no processo migratório. Os dados de migração podem ser dispostos em uma matriz, como representado na Matriz A.

A Matriz A representa os fluxos de uma área composta pelas regiões A, B e C. Cada linha contém o número de pessoas que deixaram sua região de origem e foram recenseadas nas regiões de destino – conforme disposto nas colunas. Portanto, na última coluna está o número total de emigrantes de cada região (n_1 , n_2 e n_3). Por outro lado, cada coluna representa o número de imigrantes de acordo com a região de origem, cujo total está disposto na última linha ($n_{.1}$, $n_{.2}$ e $n_{.3}$). O total de imigrantes será igual ao total de emigrantes, representados por N, pois trata-se apenas das migrações internas. Como a matriz dispõe somente do número de migrantes, a diagonal principal é nula.

As matrizes dos dados de última etapa e data fixa são conceitualmente distintas. Tomando-se as áreas de destino como referência, os migrantes n_{ij} das células da matriz com os dados de última etapa podem apresentar três trajetórias diferentes no intervalo de tempo 1986-1991, como já foi demonstrado nos Diagramas 1, 2 e 3. A primeira refere-se aos indivíduos que saíram do lugar onde moravam em 1986 e se

dirigiram para a área de destino – local em que foram recenseados em 1991. A segunda é aquela na qual a pessoa chegou após 1986 em um lugar de destino que era o mesmo local de residência em 1986 – *migrantes de retorno pleno*. Na terceira trajetória possível, o migrante chegou de um lugar que não era o mesmo da residência em 1986, que por sua vez era diferente do local de residência em 1991 – *migrantes de passagem*.

Os migrantes n_{ij} da matriz com as informações dos quesitos de data fixa podem apresentar duas trajetórias possíveis. A primeira é a mesma do Diagrama 1, ou seja, refere-se aos indivíduos que saíram do lugar onde moravam em 1986 – origem – e foram diretamente para o lugar de destino. A segunda trajetória possível é aquela na qual o local de residência em 1986 é diferente do de 1991, embora tenha havido uma etapa intermediária (Diagrama 3). Na matriz construída com os dados de data fixa não estão presentes os *migrantes de retorno pleno*.

A diferença entre as matrizes de última etapa e data fixa reflete alguns dos aspectos resultantes do processo migratório ocorrido durante o período. Torna-se, assim, factível elaborar uma tipologia para as regiões em análise levando-se em conta a magnitude do número de migrantes de última etapa em relação aos de data fixa, a fim de se avaliar a importância da *migração de retorno pleno* e da *emigração de passagem*, bem como das duas diferentes etapas, captáveis pelo censo, envolvidas na dinâmica migratória.

Para maior clareza, foram elaborados exemplos numéricos hipotéticos, com a finalidade de se explicitar as trajetórias dos migrantes. A seguir, a Matriz 1 apresenta os

dados de última etapa, a Matriz 2, os dados de data fixa, e a Matriz 3 representa a diferença entre a primeira e a segunda.

Deve-se salientar que toda a discussão a seguir baseia-se nas matrizes hipotéticas, que formam um conjunto de população fechada. Também seria válida nos casos em que as regiões não recebessem imigrantes internacionais ou, se os recebendo, os imigrantes internacionais de data fixa não fizerem, após, um movimento inter-regional e se os imigrantes internacionais de última etapa não fizerem, posteriormente, um movimento inter-regional.

Na Matriz 1, os migrantes representados em cada célula são a soma das três trajetórias possíveis, comentadas anteriormente. O primeiro número refere-se aos migrantes cuja origem de última etapa é a mesma de data fixa (Diagrama 1). O segundo representa os *migrantes de retorno pleno*: a origem do movimento é o lugar de última residência, mas não são migrantes de data fixa – no início do período o indivíduo residia no mesmo local em que foi recenseado (Diagrama 2). O terceiro número destacado mostra as pessoas que são migrantes tanto de última etapa quanto de data fixa, mas cuja região de última etapa é

diferente da de data fixa – migração em, pelo menos, duas etapas (Diagrama 3).

Na Matriz 2, o primeiro número de cada célula tem exatamente o mesmo valor daquele da matriz anterior, isto é, os migrantes têm a mesma origem, tanto de última etapa, quanto de data fixa (Diagrama 1). Como nesta matriz só estão presentes aquelas trajetórias cujo lugar de origem na data fixa é diferente do de destino, estão excluídos os *migrantes de retorno pleno* (não há o segundo número existente na Matriz 1). Assim, o segundo número destacado da Matriz 2 reporta-se àqueles que residiam em uma determinada região no início do período, depois saíram para outra área e ainda se dirigiram para um terceiro lugar, onde finalmente foram recenseados – migração em duas etapas (Diagrama 3).

Os números destacados aparecem nas duas matrizes, mas eles situam-se em diferentes células da mesma coluna. É interessante observar que, exceto os *migrantes de retorno pleno*, todos estão nas duas matrizes. O último número de cada célula da primeira linha da Matriz 1 significa que **5** e **1** migrantes saíram de A para B e C, respectivamente, após 1986. A Matriz 2 mostra que eles estavam em C e B,

MATRIZ 1
Dados de última etapa

Região de Origem	Região de Destino			Emigrantes
	A	B	C	
A	0	6+4+ 5	7+3+ 1	26
B	9+5+ 8	0	2+3+ 6	33
C	4+3+ 6	6+2+ 9	0	30
Imigrantes	35	32	22	89
Imig. – emig. u.e.	9	-1	-8	

MATRIZ 2
Dados de data fixa

Região de Origem	Região de Destino			Emigrantes
	A	B	C	
A	0	6+ 9	7+ 6	28
B	9+ 6	0	2+ 1	18
C	4+ 8	6+ 5	0	23
Imigrantes	27	26	16	69
Saldo Migratório	-1	8	-7	

respectivamente, no ano de 1986. Portanto, um contingente de **5** migrantes fez o trajeto *C-A-B*, enquanto **1** migrante fez o trajeto *B-A-C*. O mesmo raciocínio aplica-se às situações em que o lugar de última residência era *B* ou *C*. Nestes casos, as trajetórias foram as seguintes: **8** migrantes fizeram o trajeto *C-B-A*; **6** realizaram a trajetória *A-B-C*; **6** seguiram o caminho *B-C-A*; e **9** percorreram a trajetória *A-C-B*.

Em suma, o primeiro número das células das duas matrizes são os mesmos, e não há *migração de retorno pleno* na Matriz 2. Por isso, o total de imigrantes será sempre maior na Matriz 1, e a diferença em relação à Matriz 2 é o número de *migrantes de retorno pleno*, como pode ser visto na Matriz 3, que mostra a diferença entre as Matrizes 1 e 2. Assim, nas regiões *A*, *B* e *C* havia 8, 6 e 6 *migrantes de retorno pleno*, respectivamente, perfazendo um total de 20 pessoas.

A coluna “emigrantes por etapas” da Matriz 3 pode apresentar valores positivos ou negativos. Será positivo quando predominarem os “emigrantes de passagem” pela região, isto é, pessoas que estavam em uma determinada região no início do período, posteriormente se dirigiram para outra, da qual *reemigraram* para o local de destino. Quando o valor for negativo, há predominância de “reemigrantes” na região em questão, ou seja, pessoas que estavam em um local em 1986, saíram para, pelo menos, um segundo lugar e, então, deslocaram-se novamente para uma terceira região onde, enfim, foram recenseadas.

A análise destes movimentos depende da referência espacial e temporal, pois o “emigrante de passagem” em um local é o “reemigrante” em outro. Vale lembrar que são considerados apenas os fluxos internos em um intervalo de tempo determinado.

O papel de cada região na configuração da dinâmica migratória regional pode ser avaliado nas células n_{ij} das três matrizes. Dentro de cada célula, os valores da Matriz 3 mostram as características predominantes dos fluxos entre pares de unidades espaciais.

A célula do fluxo *A-B* é zero porque a soma $6+4+5$ da Matriz 1 é igual a $6+9$ da Matriz 2. Não há predominância dos *imigrantes de retorno pleno* de *B*, juntamente com os que vieram para *A* e depois se dirigiram para *B*, sobre aqueles que estavam em *A* e se dirigiram para outro local e daí foram para *B*. Portanto, o resultado zero não significa ausência de migração, e também tem significado diferente da diagonal principal.

O fluxo *A-C* indica que houve predominância de 2 migrantes que saíram de *A*, dirigiram-se para, pelo menos, um outro local e daí foram para *C*, sobre aqueles que apenas passaram por *A*; ou seja, a *reemigração* a partir de *A* é mais significativa.

No fluxo *B-A* predominam os migrantes que saíram de *B* para *A*, vindos de outro local (ou seja, apenas passaram por *B*), sobre aqueles que saíram de *B*, passaram em outro local e depois se dirigiram para *A*; isto é, predomina a *emigração de passagem* em *B*. Os fluxos restantes são semelhantes ao fluxo *B-A*.

MATRIZ 3
Diferença das Matrizes 1 e 2

Região de Origem	Região de Destino			Emigrantes por etapas
	A	B	C	
A	0	0	-2	-2
B	7	0	8	15
C	1	6	0	7
Imig.retorno pleno	8	6	6	20
$(I_{u,e} - E_{u,e}) - SM 2$	10	-9	-1	

Outro aspecto relevante é que, conceitualmente, saldo migratório só pode ser considerado como sendo a diferença entre imigrantes e emigrantes da Matriz 2 (entre duas datas fixas). A última linha da Matriz 3 contém a diferença entre os imigrantes menos os emigrantes da Matriz 1 e o saldo migratório da Matriz 2. Como se observa nas matrizes, ao menos teoricamente, é até possível que os sinais destes dois resultados sejam opostos, sem que haja qualquer erro nos dados.

Em suma, pode-se dizer que a Matriz 3 é um indicador sintético da mobilidade espacial dos migrantes compreendida entre duas datas fixas. Dentro do período, em determinada região podem prevalecer certos tipos de migração, no que se refere às etapas do movimento. As características predominantes em cada região podem estar espelhando as condições econômicas e sociais daquela área e certamente auxiliarão a análise do comportamento migratório regional.

Deve-se ressaltar que as matrizes facilitam a organização dos dados, assim como propiciam uma análise mais rica àqueles que não têm acesso aos microdados.⁴ No entanto, pode-se fazer a análise diretamente dos microdados e, neste caso, há, inclusive, a vantagem de se ter todas as variáveis socioeconômicas referentes aos indivíduos participantes do processo migratório.

Os fluxos migratórios das mesorregiões de Minas Gerais

As múltiplas etapas migratórias das mesorregiões de Minas Gerais

Como tem sido mostrado no decorrer deste artigo, nem todos os migrantes contribuem para o saldo líquido e, portanto, para o crescimento populacional de uma região. É o caso do *imigrante de retorno pleno*, definido como aquele indivíduo que, dentro de um período determinado, sai e

TABELA 1
Emigrantes e imigrantes interestaduais de data fixa e última etapa (0 a 4 anos de residência), por mesorregião de Minas Gerais – 1986-1991*

MESORREGIÃO	Emigrantes				Imigrantes			
	u.e. (1)	d.f. (2)	u.e. - d.f. (3)	% (4)	u.e. (5)	d.f. (6)	u.e. - d.f. (7)	% (8)
Noroeste de MG	20.392	18.317	2.075	10,2	9.342	7.686	1.656	17,7
Norte de Minas	57.719	54.036	3.683	6,4	23.614	19.376	4.238	17,9
Jequitinhonha	31.943	29.159	2.784	8,7	10.894	8.383	2.511	23,0
Vale do Mucuri	31.527	28.976	2.551	8,1	10.621	8.720	1.901	17,9
Triângulo/Alto Paranaíba	66.797	60.021	6.776	10,1	79.240	72.731	6.509	8,2
Central Mineira	5.081	4.668	413	8,1	4.544	3.677	867	19,1
Metropolitana de BH	79.259	73.220	6.039	7,6	101.442	87.588	13.854	13,7
Vale do Rio Doce	71.512	67.926	3.586	5,0	37.863	29.431	8.432	22,3
Oeste de Minas	11.197	10.094	1.103	9,8	10.705	9.516	1.189	11,1
Sudoeste e Sul de MG	76.719	70.777	5.942	7,7	84.126	73.088	11.038	13,1
Campos das Vertentes	8.913	8.672	241	2,7	10.210	9.015	1.195	11,7
Zona da Mata	57.037	53.530	3.507	6,1	56.268	48.159	8.109	14,4
Total	518.095	479.397	38.700	7,5	438.869	377.370	61.499	14,0

(4) = (3)/(1)*100 e (8) = (7)/(5)*100

u.e. = última etapa e d.f. = data fixa

* Estão incluídos os imigrantes internacionais.

Fonte: Censo Demográfico de 1991 (microdados).

⁴ Conjunto de dados disponível na forma mais desagregada da pesquisa – neste caso, no nível dos indivíduos.

retorna à região, bem como do *emigrante de passagem*, ou seja, aquele que entrou e saiu da região no intervalo de cinco anos.

A presença destes tipos de migrantes também permite averiguar o quão intenso é o ritmo da mobilidade espacial da população e as possíveis diferenças entre as regiões. A Tabela 1 mostra estas informações, segundo as mesorregiões de origem e destino dos migrantes interestaduais.

A Tabela 1 indica que, em 1991, de um total de 438.869 pessoas maiores de quatro anos de idade e com menos de cinco anos de residência em Minas Gerais, 61.499 (14%) realizaram *migração de retorno pleno*, isto é, aquela na qual o migrante sai de Minas Gerais após 1986 e volta ao estado antes de 1991. É importante ressaltar que neste contingente estão faltando 21.269 migrantes que declararam erroneamente residir há cinco anos ou mais em Minas Gerais, mas estavam em outra unidade da Federação em 1986, o que aumenta o percentual para 18%. Pelo lado dos emigrantes, o percentual daqueles que apenas passaram pelo estado será maior que 7,5%, pois também há o problema da má declaração nos lugares de destino.⁵ No entanto, como um dos objetivos deste trabalho é justamente interpretar a diferença entre o número de migrantes de última etapa e de data fixa levantados no censo, optou-se por não corrigi-los, uma vez que não comprometem a análise dos fluxos aqui realizada.

O mesmo tipo de leitura pode ser feito para as mesorregiões, posto que a *migração de retorno pleno* e a *emigração de passagem* pelo estado variam bastante de acordo com a região. Deve-se lembrar que tanto uma quanto a outra serão um pouco maiores do que aqueles números mostrados na Tabela 1, pois não estão incluídos os migrantes que declararam ter cinco ou mais anos de residência em Minas mas que, na verdade, estavam em outro estado em 1986.

Uma primeira observação é que, quanto maior a evasão populacional, maior

a participação relativa da *migração de retorno pleno* interestadual (coluna 8 da Tabela 1). São as mesorregiões Jequitinhonha e Vale do Rio Doce aquelas que mais possuem esse tipo de migrante. Se levarmos em conta os erros de declaração – o que aumentaria a proporção –, praticamente um quarto dos imigrantes saiu após 1986 e voltou antes de 1991. Esse percentual também é alto no Noroeste e Norte de Minas, Vale do Mucuri e Central Mineira.

Nas áreas mais dinâmicas, como, por exemplo, nas mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte e Sudoeste/Sul de Minas, a participação dos *migrantes de retorno pleno* mostra-se mais modesta e mais próxima da média do estado. Da mesma forma, Triângulo/Alto Paranaíba foi a mesorregião com o maior saldo positivo interestadual do estado e também aquela que apresentou a menor participação de *migrantes de retorno pleno* interestadual.⁶

Quanto à predominância dos *emigrantes de passagem* sobre aqueles que saíram após 1986 e *reemigraram* (coluna 4), o quadro não se configura de forma tão nítida. Os valores estão mais próximos da média do estado e algumas regiões estagnadas e/ou com base populacional mais modesta apresentaram pequena participação desse tipo de emigração. Foi o caso das mesorregiões Campos das Vertentes, Vale do Rio Doce, Zona da Mata e Norte de Minas, onde a predominância dos *emigrantes interestaduais de passagem* pelo estado, em relação aos que realizaram *reemigração* interestadual, ficou abaixo da média estadual. Portanto, está implícito que foi relevante a participação relativa dos emigrantes interestaduais que saíram destas mesorregiões após 1986 e realizaram uma outra etapa interestadual antes de chegar ao seu destino.

Há um grupo intermediário em relação à participação dos *emigrantes interestaduais de passagem*, no qual se encontram mesorregiões desenvolvidas e estagnadas,

⁵ Sobre os erros de declaração deste quesito ver Carvalho *et al.* (1998).

⁶ Deve-se lembrar que no cálculo destes saldos migratórios não estão incluídos os imigrantes internacionais, como na Tabela 1.

do ponto de vista socioeconômico, tais como Região Metropolitana de Belo Horizonte e Sudoeste/Sul de Minas, mas também Jequitinhonha e Vale do Mucuri.

Esta ausência de regularidade entre predominância da *emigração interestadual de passagem* sobre a *reemigração* interestadual e condições sociais e econômicas fica evidente nas duas mesorregiões cuja participação dos *emigrantes de passagem* é mais significativa: Noroeste de Minas e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Em quase todas as mesorregiões, a participação da *migração interestadual de retorno pleno* prevalece sobre a *emigração interestadual de passagem*, e a amplitude desta diferença tende a ser tanto maior quanto mais estagnada for a região. Foi justamente a mesorregião com o maior saldo migratório interestadual positivo do estado, Triângulo/Alto Paranaíba, a única onde a *emigração interestadual de passagem* mostrou-se predominante.

Estas considerações permitem algumas reflexões sobre a mobilidade espacial dos migrantes interestaduais mineiros. As múltiplas etapas, que não contribuem para o crescimento populacional do período 1986-1991, são relevantes na medida em que revelam algumas características importantes da dinâmica migratória regional. Um exemplo é a participação dos *imigrantes interestaduais de retorno pleno*, que podem chegar a representar um quarto dos imigrantes de última etapa, com até quatro anos de residência, como no Jequitinhonha.

Entretanto, no contexto geral das migrações interestaduais de 1986 a 1991, o retorno e, especialmente, a emigração por etapas não constituem o tipo majoritário de migrações, pois prevalecem amplamente os movimentos diretos entre as mesorregiões e os demais estados. Como já foi dito, estas etapas evidenciam algumas características das regiões que, no entanto, devem ser conjugadas com um outro aspecto fundamental das migrações: a proximidade geográfica.

De fato, se a *migração interestadual de retorno pleno* mostra-se mais significativa nas áreas mais pobres do estado, a

predominância da *emigração interestadual de passagem* pelas mesorregiões sobre a *reemigração* para outros estados parece estar relacionada à proximidade com as mais importantes áreas de destino dos emigrantes de Minas. As três mesorregiões onde esse tipo de emigração foi mais importante – Noroeste de Minas, Triângulo/Alto Paranaíba e Oeste – são, não por acaso, contíguas ou muito próximas às duas principais áreas de atração de mineiros: o Estado de São Paulo e o Centro-Oeste do país.

Etapas migratórias interestaduais e proximidade geográfica

As Tabelas 2 e 3 deixam claro o caráter regional dos fluxos migratórios ocorridos no período 1986-1991. No Noroeste de Minas, a imensa maioria dos emigrantes (86%) dirigiu-se para o Centro-Oeste, assim como a maior parte dos imigrantes (64,6%) chegou desta região. Observando também a Tabela 1, que mostra como são relativamente significativas as proporções de *migrantes interestaduais de retorno pleno* no Noroeste de Minas (17,7% dos imigrantes de última etapa), bem como a predominância da *emigração interestadual de passagem* sobre a *reemigração* (10,2% dos emigrantes de última etapa) – sem contar os erros de declaração –, infere-se que é expressiva a mobilidade espacial dos migrantes entre essas regiões.

O Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba apresenta uma situação semelhante no que se refere à emigração interestadual, isto é, a passagem pela região como apenas uma etapa do movimento migratório é relativamente relevante, mas neste caso os fluxos para o Sudeste – leia-se São Paulo, pois 94,7% dos que emigraram para o Sudeste foram para este estado – foram significativos, ao contrário do ocorrido no Noroeste de Minas. A diferença é que o Triângulo, como área altamente dinâmica, foi a mesorregião de menor participação relativa dos *migrantes interestaduais de retorno pleno*.

Podem parecer contraditório ter menor parcela deste tipo de migrante *vis-à-vis* a predominância da *emigração interestadual*

TABELA 2
Minas Gerais: emigrantes interestaduais de data fixa, por mesorregião de origem e região de destino
1986-1991

Mesorregião de Residência em 01/09/1986	Região de residência em 01/09/1991										Total de Emigrantes
	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		C.Oeste		
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	
Noroeste de Minas	790	4,3	239	1,3	1.234	6,7	310	1,7	15.744	86,0	18.317
Norte de Minas	1.182	2,2	3.581	6,6	36.420	67,4	1.100	2,0	11.753	21,7	54.036
Jequitinhonha	780	2,7	3.688	12,6	22.779	78,1	688	2,4	1.224	4,2	29.159
Vale do Mucuri	1.876	6,5	5.169	17,8	20.697	71,4	217	0,7	1.017	3,5	28.976
Triângulo/Alto Paranaíba	3.012	5,0	2.262	3,8	25.442	42,4	1.945	3,2	27.359	45,6	60.021
Central Mineira	188	4,0	99	2,1	2.148	46,0	22	0,5	2.212	47,4	4.668
Metropolitana de BH	5.107	7,0	8.389	11,5	45.835	62,6	4.554	6,2	9.335	12,7	73.220
Vale do Rio Doce	8.668	12,8	2.586	3,8	51.591	76,0	1.210	1,8	3.872	5,7	67.926
Oeste de Minas	371	3,7	253	2,5	7.086	70,2	372	3,7	2.012	19,9	10.094
Sudoeste/Sul de Minas	945	1,3	1.221	1,7	63.096	89,1	2.789	3,9	2.726	3,9	70.777
Campos das Vertentes	135	1,6	258	3,0	6.840	78,9	284	3,3	1.155	13,3	8.672
Zona da Mata	1.569	2,9	1.422	2,7	46.745	87,3	1.323	2,5	2.470	4,6	53.530
Total	24.623	5,1	29.167	6,1	329.913	68,8	14.814	3,1	80.878	16,9	479.396

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

TABELA 3
Minas Gerais: imigrantes interestaduais de data fixa, por mesorregião de destino e região de origem
1986-1991*

Mesorregião de Residência em 01/09/91	Região de residência em 01/09/1986										Total de Imigrantes
	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		C.Oeste		
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	
Noroeste de Minas	335	4,4	469	6,1	1.084	14,1	828	10,8	4.955	64,6	7.671
Norte de Minas	430	2,2	5.902	30,6	10.307	53,5	673	3,5	1.968	10,2	19.280
Jequitinhonha	464	5,6	3.276	39,5	3.981	48,1	152	1,8	412	5,0	8.285
Vale do Mucuri	251	2,9	3.222	37,2	4.853	56,1	106	1,2	226	2,6	8.658
Triângulo/Alto Paranaíba	4.023	5,6	7.877	10,9	26.336	36,4	6.060	8,4	28.051	38,8	72.347
Central Mineira	162	4,5	419	11,7	1.607	45,0	43	1,2	1.343	37,6	3.574
Metropolitana de BH	7.170	8,5	18.946	22,3	46.440	54,7	4.150	4,9	8.137	9,6	84.843
Vale do Rio Doce	2.983	10,5	2.544	8,9	21.417	75,0	729	2,6	871	3,1	28.544
Oeste de Minas	453	4,8	949	10,1	5.835	62,1	499	5,3	1.653	17,6	9.389
Sudoeste/Sul de Minas	1.042	1,4	3.065	4,2	60.268	83,2	5.802	8,0	2.275	3,1	72.452
Campos das Vertentes	256	2,9	326	3,6	7.171	79,9	262	2,9	959	10,7	8.974
Zona da Mata	1.048	2,2	1.848	3,9	42.327	88,4	1.067	2,2	1.570	3,3	47.860
Total	18.617	5,0	48.843	13,1	231.626	62,3	20.371	5,5	52.420	14,1	371.877

* Imigrantes internacionais não incluídos.

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

de passagem sobre a reemigração, mas isto é um indício de que esta região tem se destacado como a principal área de atração populacional do Estado de Minas Gerais. Em outras palavras, as intensas entradas e saídas de migrantes atestam o dinamismo da região e não significam necessariamente estagnação, como poderia se inferir a partir de uma interpretação mais

apressada da alta participação dos emigrantes de última etapa.

Vale notar que em mesorregiões tradicionais de emigração, como Norte de Minas, Jequitinhonha e Vale do Mucuri, a grande maioria dos emigrantes interestaduais partiu para o Sudeste, especialmente para São Paulo. Mas, no que tange aos imigrantes interestaduais, uma parcela

bastante significativa, variando de 30,6% a 39,5%, chega do Nordeste, embora predomine a procedência do Sudeste. Nestas regiões, os *imigrantes interestaduais de retorno pleno* são parcela significativa dos imigrantes de última etapa.

O Vale do Rio Doce apresenta características muito semelhantes – relativamente baixa predominância da *emigração interestadual de passagem* sobre a *reemigração interestadual* e alta *migração interestadual de retorno pleno*. Neste caso, São Paulo não prevalece na escolha dos emigrantes, pois mais da metade daqueles que se dirigiram para o Sudeste foram para o Espírito Santo, confirmando a relevância da proximidade geográfica. Foi também o Espírito Santo o estado que cedeu a maior parte dos imigrantes interestaduais para esta mesorregião.

Ainda no que se refere à participação da *migração interestadual de retorno pleno* e à predominância da *emigração interestadual de passagem* sobre a *reemigração interestadual*, merece destaque a similaridade entre as mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte e Sudoeste/Sul de Minas. As proporções destes tipos de migrantes nas duas regiões são muito próximas às médias do estado. Entretanto, estas regiões possuem tendências migratórias bastante distintas, o que não autoriza classificá-las como pertencentes a uma mesma categoria.

A evolução destas duas regiões tem se dado de forma oposta, do ponto de vista dos saldos migratórios interestaduais. A RMBH vem experimentando um contínuo arrefecimento no ritmo de seu crescimento populacional, ao passo que o Sudoeste/Sul de Minas deixou de ser área de evasão e se tornou pólo de atração de população.

Infelizmente, não há como comparar o quinquênio 1986-1991 com períodos anteriores, pois apenas o Censo Demográfico de 1991 possui os dados necessários. Isso poderia revelar quais as tendências dos tipos de etapas migratórias

interestaduais e, por conseguinte, da dinâmica regional. De qualquer forma, chama a atenção a modesta predominância, na RMBH, da *emigração interestadual de passagem* sobre a *reemigração interestadual*.

Fluxos populacionais, saldos migratórios e etapas migratórias entre as mesorregiões de Minas Gerais, no período 1986-1991

Minas Gerais é um estado historicamente marcado pelas emigrações em direção às outras unidades da Federação. As áreas de atração dentro de seu próprio território são tradicionalmente restritas e concentradas na região de Belo Horizonte. Um estudo da Fundação João Pinheiro de 1988, intitulado “Estrutura espacial de Minas Gerais”, citado por Matos (1995), dividiu o estado em cinco macrorregiões, subordinadas aos centros urbanos de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiânia-Brasília, Salvador e Belo Horizonte. Baseado neste estudo, Matos (1995) observou que a macrorregião subordinada a São Paulo vinha mantendo sua influência, enquanto aquela vinculada ao Rio de Janeiro experimentava significativa redução, devido à estagnação de sua metrópole, mas também à concorrência da influência de Belo Horizonte.

Vimos, acima, que algumas mesorregiões de Minas Gerais estavam, em termos de fluxos migratórios, bastante interligadas às áreas dinâmicas do país geograficamente próximas. Os casos mais significativos verificam-se nas trocas populacionais entre o Sudoeste/Sul de Minas e São Paulo, e também entre o Triângulo/Alto Paranaíba e o Centro-Oeste do país.

Os dados do Censo Demográfico de 1980 já mostravam que, nos anos 70, apesar de Belo Horizonte se manter como o principal pólo econômico de Minas Gerais, iniciava-se um processo de emigração da capital para os municípios do entorno de sua região metropolitana.⁷ Este fenômeno

⁷ Ver Rigotti (1994) e Matos (1995).

MATRIZ 4
Mesorregiões de Minas Gerais – imigrantes de última etapa intermesorregionais, imigrantes de última etapa com origem fora de Minas Gerais e imigrantes intramesorregionais, por origem – 1986-1991

Mesorregião de residência anterior	Mesorregião em 1991											Emigrantes	
	Noroeste de MG	Norte de Minas	Norte de Jequitinhonha	Vale do Mucuri	Triâng. e Alto Par.	Central Mineira	Metrop. de BH	Vale do Rio Doce	Oeste de Minas	Sudoeste/ Sul de MG	Campos das Vert.	Zona da Mata	Zona da Mata
Noroeste de MG	10.611	1.432	40	41	7.302	1.313	2.561	50	621	428	42	358	24.799
Norte de Minas	3.512	58.740	1.546	360	5.541	3.141	22.005	1.346	887	3.600	275	1.390	102.343
Jequitinhonha	519	2.613	15.405	3.985	3.814	1.294	25.455	3.668	975	2.934	597	2.565	63.824
Vale do Mucuri	62	435	2.296	8.240	1.881	283	15.319	4.838	635	2.254	128	886	37.256
Triângulo e Alto Paranaíba	6.758	3.004	634	419	91.733	1.922	11.824	2.539	1.670	4.368	1.284	3.904	130.059
Central Mineira	1.288	2.658	446	271	4.220	9.645	18.332	1.186	3.199	1.493	245	2.473	45.458
Metropolitana de BH	2.456	9.141	5.211	3.257	13.614	8.674	286.426	20.336	12.957	10.778	5.376	13.265	391.492
Vale do Rio Doce	530	1.361	1.746	2.277	5.836	666	55.287	70.645	1.540	5.103	780	11.688	157.458
Oeste de Minas	902	1.402	989	363	5.452	2.012	14.549	1.615	19.649	9.262	2.169	1.474	59.839
Sudoeste e Sul de MG	1.070	4.086	1.350	2.270	16.056	908	22.435	7.935	4.563	101.364	3.741	8.418	174.196
Campos das Vertentes	681	6.732	3.001	2.409	10.721	897	22.286	6.763	5.660	28.981	14.292	10.331	112.755
Zona da Mata	752	2.362	1.207	1.501	11.486	946	33.190	9.060	1.266	10.801	3.834	76.083	152.486
Total c/ diagonal principal	29.141	93.966	33.873	25.393	177.655	31.701	529.668	129.981	53.622	181.366	32.763	132.834	1.451.964
Total s/ diagonal principal	18.530	35.226	18.468	17.153	85.923	22.056	243.242	59.336	33.972	80.003	18.471	56.752	689.131
Imigrantes c/origem fora de MG	7.870	20.757	9.040	9.544	71.445	3.793	84.109	33.038	9.216	76.310	8.836	50.618	384.578
Imigrantes c/origem fora da MR	26.400	55.983	27.507	26.697	157.368	25.849	327.351	92.374	43.188	156.313	27.307	107.370	1.073.709

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

não se restringiu apenas ao espaço metropolitano. Analisando uma ampla área de influência da capital mineira, composta por 446 municípios, Matos (1995, p. 70) notou que a participação da população de Belo Horizonte no total desta macrorregião também tem diminuído, “de 19,4% em 1980 para 18,5% em 1991, testemunhando a quebra de uma tendência histórica de concentração populacional, que teve seu ápice em 1980”.

Assim como a consideração da proximidade geográfica é essencial para a compreensão dos fluxos migratórios interestaduais, é de se esperar que ela também seja fundamental para o entendimento das migrações dentro do próprio estado, associada à relativa desconcentração populacional a partir de Belo Horizonte.

Levando em conta estas questões, passo agora à análise do comportamento migratório dentro do Estado de Minas Gerais no período 1986-1991, a partir de metodologia desenvolvida com esta finalidade. Como o conjunto das mesorregiões não forma uma população fechada, como se pressupunha na discussão metodológica, foi preciso acrescentar uma linha com aqueles procedentes de fora de Minas, tanto na matriz de última etapa, quanto na matriz de data fixa. Isto se deve ao fato de que há imigrantes de última etapa nas mesorregiões com origem em outro estado que são imigrantes de data fixa com origem em outras mesorregiões e vice-versa.

A análise que se segue, sobre os fluxos e os saldos migratórios entre as mesorregiões de Minas Gerais (migração intermesorregional) no período 1986-1991, é pautada em uma discussão sobre as etapas da migração, captáveis pelas informações do Censo Demográfico de 1991.

A Matriz 4 mostra os migrantes de última etapa maiores de quatro anos de idade morando há menos de cinco anos na mesorregião de residência em 1991. Optou-se por manter os migrantes cujo movimento intermunicipal se deu dentro da própria mesorregião (diagonal principal da matriz), dada a sua notória relevância nos fluxos

populacionais ocorridos no interior do estado.

De um total de 1.451.964 migrantes intermunicipais cujo último movimento se deu dentro do estado, mais da metade (52,5%) migrou dentro da própria mesorregião. Fica clara a importância da migração de mais curta distância nos movimentos intra-estaduais. A participação destes migrantes nunca é menor que 30,4%, como na mesorregião Central Mineira, chegando até 62,5%, no Norte de Minas.

Em relação ao número de imigrantes de última etapa, destacam-se as mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte, Triângulo/Alto Paranaíba e Sudoeste/Sul de Minas, nesta ordem. Quanto ao número de emigrantes, sobressaem a RMBH, Campos das Vertentes, Vale do Rio Doce e Sudoeste/Sul de Minas. Portanto, as mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte e Sudoeste/Sul de Minas são importantes áreas de atração dentro do estado, mas também de evasão populacional, o que não acontece com o Triângulo/Alto Paranaíba.

Vale ressaltar que, além da migração envolvendo a RMBH, tanto como destino quanto como origem, são poucos os fluxos relativamente importantes dentro do estado. Os destaques ficam por conta dos movimentos populacionais em direção ao Sudoeste/Sul de Minas, com origem em Campos das Vertentes, Zona da Mata e Oeste de Minas; para o Triângulo/Alto Paranaíba, a partir do Sudoeste/Sul de Minas, Zona da Mata, Campos das Vertentes e Noroeste de Minas, assim como do Triângulo/Alto Paranaíba para o Noroeste de Minas; os fluxos para o Vale do Rio Doce procedentes do Sudoeste/Sul de Minas e Zona da Mata; e para a Zona da Mata, com origem no Vale do Rio Doce, Campos das Vertentes e Sudoeste/Sul de Minas. Nota-se que os fluxos são, em grande parte, recíprocos. Além disso, mais uma vez fica evidenciada a influência da proximidade geográfica e a importância do Triângulo/Alto Paranaíba, cujo poder de atração atinge regiões mais distantes, como a Zona da Mata e o Sul de Minas.

MATRIZ 5
Mesorregiões de Minas Gerais – imigrantes de data fixa intermesorregionais e imigrantes de data fixa com origem fora de Minas Gerais, por origem – 1986-1991

Mesorregião em 1986	Mesorregião em 1991											Emigrantes			
	Noroeste de MG	Norte de Minas	Jequitinhonha	Vale do Mucuri	Triâng. e Alto Par.	Central Mineira	Metrop. de BH	Vale do Rio Doce	Oeste de Minas	Sudoeste/ Sul de MG	Campos das Vert.	Zona da Mata			
Noroeste de MG	1.287	52	0	6.565	1.031	2.342	180	620	279	24	359	12.740			
Norte de Minas	2.753	1.163	400	5.211	2.677	19.510	1.381	862	3.215	273	1.027	38.472			
Jequitinhonha	610	2.519	3.507	3.313	1.249	22.837	2.928	938	2.938	496	2.340	43.676			
Vale do Mucuri	81	349	1.869	1.813	202	13.485	4.060	549	2.139	104	805	25.457			
Triângulo e Alto Paranaíba	5.546	2.366	592	1.474	11.415	2.224	931	1.492	3.827	1.004	3.371	33.557			
Central Mineira	1.010	2.238	480	3.647	16.534	91	2.778	1.188	206	2.204	31.629				
Metropolitana de BH	2.203	7.417	3.630	12.025	7.119	16.499	10.841	9.137	4.574	10.805	86.905				
Vale do Rio Doce	429	1.177	1.571	1.686	5.261	571	50.522	1.390	4.323	674	9.587	77.192			
Oeste de Minas	858	1.109	962	328	4.953	1.696	12.475	1.129	7.350	1.872	1.240	33.971			
Sudoeste e Sul de MG	1.091	3.409	1.400	1.839	15.060	708	20.230	6.801	3.749	3.492	6.947	64.727			
Campos das Vertentes	531	5.717	2.408	2.010	10.161	866	20.942	5.401	4.879	25.953	9.006	87.874			
Zona da Mata	628	1.921	881	1.470	10.575	705	30.553	7.654	1.231	9.020	3.428	68.066			
Total de imigrantes inter-regionais	15.741	29.510	15.009	14.552	78.586	18.299	220.845	49.188	29.329	69.370	16.146	47.692	604.265		
Imigrantes c/origem fora de MG	7.686	19.376	8.383	8.720	72.731	3.677	87.588	29.431	9.516	73.088	9.015	48.159	377.370		
Imigrantes c/origem fora da MIR	23.427	48.886	23.392	23.272	151.317	21.976	308.433	78.619	38.845	142.458	25.161	95.851	981.635		
Saldo migratório Intermesorregional	3.001	-8.962	-28.667	-10.905	45.029	-13.330	133.939	-28.004	-4.642	4.643	-71.728	-20.375			

Nota: Entre os imigrantes procedentes de fora de Minas Gerais estão incluídos aqueles com origem no exterior.
 Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

A Matriz 5, com os migrantes de data fixa, permite averiguar não só os fluxos, mas também os saldos migratórios intermesor-regionais. Assim como nos fluxos interestaduais, as mesorregiões RMBH, Triângulo/Alto Paranaíba e Sudoeste/Sul de Minas também experimentaram saldos migratórios inter-regionais positivos, inclusive maiores que os ganhos com outros estados.

A RMBH, que obteve um ganho líquido interestadual ligeiramente menor que o do Triângulo/Alto Paranaíba (11,6 mil e 12,3 mil pessoas, respectivamente),⁸ foi o grande destaque nos saldos migratórios positivos intermesorregionais, posto que as entradas de migrantes superaram as saídas em 134 mil pessoas, mesmo sendo a segunda mesorregião que mais cedeu população para as outras mesorregiões do estado. Apenas Noroeste de Minas tem uma participação modesta como origem de seus imigrantes. Todas as outras mesorregiões fornecem um significativo contingente de migrantes, especialmente o Vale do Rio Doce (mais de 50 mil pessoas).

Isto deixa claro que, assim como em décadas anteriores, a RMBH continuou sendo a principal área de destino dos emigrantes do interior de Minas Gerais, apesar de não ser a mais importante região de atração de migrantes procedentes de outros estados (liderança exercida pelo Triângulo/Alto Paranaíba). Revela também a emergência do Sudoeste/Sul de Minas como nova área de atração.

No Triângulo/Alto Paranaíba, os imigrantes procedentes do Sudoeste/Sul de Minas, RMBH, Zona da Mata e Campos das Vertentes são maioria. Portanto, o Triângulo não atrai apenas migrantes das áreas vizinhas: seu poder de atração chega até o leste do estado. O mesmo não ocorre com o Sudoeste/Sul de Minas, onde prevalecem amplamente os migrantes procedentes de Campos das Vertentes.

Um fato que chama a atenção é que o Noroeste de Minas também apresentou saldo migratório intermesorregional positivo (3 mil pessoas), ao contrário do

ocorrido com o saldo interestadual, que foi negativo, em torno de 11 mil pessoas. Esta mesorregião foi destino de migrantes procedentes, predominantemente, do Triângulo/Alto Paranaíba, mas também mostraram-se significativos os fluxos com origem nas mesorregiões Norte de Minas, RMBH, e também na relativamente distante mesorregião Sudoeste/Sul de Minas.

Em relação às mesorregiões que apresentaram saldo migratório inter-regional negativo, o maior destaque ficou por conta de Campos das Vertentes, com perda líquida de 72 mil pessoas – a maior do estado. Houve aí um fenômeno oposto àquele comentado anteriormente sobre o Noroeste de Minas, haja vista que o saldo interestadual foi ligeiramente positivo (em torno de 700 pessoas). Destacam-se como receptoras dos emigrantes de Campos das Vertentes as mesorregiões mais próximas – além do Sudoeste/Sul de Minas, a RMBH.

No Jequitinhonha, Vale do Rio Doce, Vale do Mucuri e Norte de Minas os saldos migratórios intermesorregionais são negativos, mas apresentam um volume menor do que no caso das perdas interestaduais. Na Zona da Mata, Central Mineira e Oeste de Minas, os saldos negativos inter-regionais são mais volumosos do que os interestaduais. A RMBH é o destino da grande maioria destes migrantes.

Vimos que o último lugar de residência não é, necessariamente, o mesmo de 1986. Em cada uma das células, o migrante de última etapa pode ter quatro origens de data fixa: a mesma mesorregião de última etapa; a própria mesorregião de residência em 1991 (migrantes de retorno pleno); as demais mesorregiões do estado (excluídas as mesorregiões de origem de última etapa e a de residência em 1991); outras unidades da Federação e o exterior.

Exemplificando, no Vale do Rio Doce havia, em 1991, 9.060 imigrantes vindos da Zona da Mata com menos de cinco anos de residência. Em 1986, alguns destes imigrantes podiam estar morando: na mesorregião Zona da Mata, caso em que a

⁸ Dados das Tabelas 2 e 3. Esta última exclui os imigrantes internacionais.

origem de data fixa seria a mesma; na própria mesorregião Vale do Rio Doce (retornados plenos); nas demais mesorregiões de Minas Gerais ou fora do estado – alguns no Rio de Janeiro, outros nos EUA, por exemplo. Na soma de cada uma das linhas estarão incluídos todos os emigrantes de última etapa de cada mesorregião, que saíram diretamente para outra mesorregião de destino, mas cuja origem de data fixa será uma daquelas quatro possibilidades. A soma das colunas inclui todos os imigrantes de última etapa de cada mesorregião, com as mesmas possibilidades de origem quanto à data fixa.

Por outro lado, existem imigrantes que deixaram uma determinada mesorregião de residência em 1986, passaram em outro lugar qualquer – que pode ser outra mesorregião, outro estado ou mesmo outro país – e depois se deslocaram para a mesorregião em que declararam residência em 1991. Vale lembrar que os imigrantes de data fixa não incluem os de *retorno pleno*, isto é, aqueles cuja mesorregião de residência em 1986 era a mesma de 1991.

Como exemplo, pode-se pensar no caso do Sudoeste/Sul de Minas, onde havia, em 1991, 25.953 imigrantes cujo lugar de residência em 1986 era a mesorregião Campos das Vertentes. Alguns deles foram diretamente da mesorregião de origem para a de destino (mesma informação de última etapa); outros saíram de Campos das Vertentes, passaram em outra mesorregião e depois se deslocaram para o Sudoeste/Sul de Minas; e há também aqueles que saíram de Campos das Vertentes para fora de Minas Gerais (se dirigiram para outro estado, ou outro país) e, posteriormente, foram para o Sudoeste/Sul de Minas.

A participação das mesorregiões no total de emigrantes intermesorregionais de data fixa mostra-se algo diferente daquela observada a partir das informações de última etapa. A mesorregião Campos das Vertentes passa a ser a que mais perde emigrantes, seguida pela RMBH. Como na

matriz com os dados de última etapa, a mesorregião Vale do Rio Doce fica em terceiro lugar, mas precede a Zona da Mata, e não o Sudoeste/Sul de Minas, como ocorre na matriz de data fixa.

Da mesma forma que na interpretação dos imigrantes, a mesorregião da qual partiram os emigrantes de data fixa pode ser a mesma informada pelo quesito de última etapa. Mas, além desta, o emigrante de data fixa também pode ter como origem de última etapa qualquer outra mesorregião diferente daquela de residência em 1986, uma outra unidade da Federação ou o exterior.

Ao se comparar os dados da matriz de migrantes de última etapa com os da matriz de migrantes de data fixa, nota-se que há desigualdades, que expressam a mobilidade espacial dos migrantes, segundo as etapas captadas pelo Censo Demográfico de 1991. Cada célula referente a duas mesorregiões quaisquer i e j corresponde à diferença entre os migrantes de última etapa de i para j , que são migrantes de data fixa de i para j , e os migrantes de data fixa de i para j , que não são migrantes de última etapa de i para j . O primeiro termo da diferença corresponde aos *migrantes de passagem*⁹ de i com destino a j (não residiam em i , nem em 1986, nem em 1991) e o segundo refere-se aos emigrantes de data fixa de i para j , que não o são de última etapa, pois após saírem de i tiveram pelo menos uma etapa intermediária antes de emigrarem para j . São *reemigrantes* em relação a i . Se o resultado é positivo, há mais emigrantes de última etapa entre i e j , que são *emigrantes de passagem* (por isto não são data fixa $i-j$), do que emigrantes de data fixa entre i e j , que são *reemigrantes* de i (por isto não aparecem como última etapa $i-j$).

O conceito de *reemigração* e a referência espacial tornam-se fundamentais para este tipo de análise. A Matriz 6 informa que na quase totalidade dos pares de mesorregiões os movimentos diretos entre uma e outra (última etapa) predominam sobre

⁹ Entre os de passagem de i , no fluxo $i-j$, estão incluídos também os retornados plenos de i para j . Todo retornado pleno é, por definição, um emigrante de passagem de outra região.

aqueles em que houve pelo menos uma etapa intermediária entre as duas mesorregiões, dentro do período 1986-1991. A referência espacial está sempre subjacente: a migração direta entre lugares (última etapa), quando a origem é diferente daquela de data fixa, é uma etapa posterior ao movimento de saída do local registrado na data fixa, ou seja, é a *reemigração*, sob o ponto de vista do lugar de residência em 1986.

As células da Matriz 6 mostram uma predominância do número de migrantes informado pelo quesito de última etapa em comparação ao de data fixa.¹⁰ As exceções são localizadas e encontram-se nos fluxos do Noroeste de Minas para o Jequitinhonha, Vale do Rio Doce e Zona da Mata; do Norte de Minas para o Vale do Mucuri e Vale do Rio Doce; do Jequitinhonha para o Noroeste de Minas e Sudoeste/Sul de Minas; do Vale do Mucuri para o Noroeste de Minas; da Central Mineira para o Jequitinhonha e Vale do Mucuri; do Sudoeste/Sul de Minas para o Noroeste de Minas e Jequitinhonha. Nestes fluxos, a *reemigração* foi significativa ou, pelo menos, maior do que a *emigração de passagem*.

A interpretação da diferença entre o número de imigrantes de última etapa e de data fixa em uma célula é a recíproca dos emigrantes. Se o número for positivo, os imigrantes de última etapa que chegaram diretamente de uma determinada mesorregião, qualquer que seja o lugar de residência em 1986, superam aqueles que estavam nesta mesma mesorregião em 1986 (data fixa) e passaram em outra região qualquer antes de se deslocarem para a mesorregião de destino. Se o número for negativo, ocorrerá o contrário.

Percebe-se que as matrizes com os fluxos entre as mesorregiões não são de uma população fechada, como nas matrizes hipotéticas analisadas anteriormente, motivo pelo qual não se pode interpretar a soma de todas as linhas, ou de todas as

colunas – neste caso, 84.866 pessoas –, como o número de *retornados plenos*.

Além dos *imigrantes de retorno pleno*, a informação de última etapa inclui, também, todos aqueles imigrantes das mesorregiões cuja residência imediatamente anterior se encontrava fora de Minas Gerais (outros estados e países), assim como a informação de data fixa inclui, também, todos os que, em 1986, residiam em outros estados e no exterior. A diferença entre estas duas informações não contém aqueles imigrantes que chegaram de fora do estado (última etapa) e que, na data fixa (1986), residiam fora de Minas Gerais.

A soma das células de uma coluna da Matriz 6 (penúltima linha da matriz) corresponde aos *imigrantes retornados plenos* da mesorregião, seja de origem de última etapa em outras mesorregiões, seja de origem de fora do estado.

Uma observação fundamental diz respeito aos imigrantes de última etapa incluídos na linha referente às pessoas procedentes de fora de Minas Gerais (Matriz 4). Estes não são exatamente os imigrantes de última etapa interestaduais mostrados na Tabela 1 (438.869 pessoas), porque nestes estão incluídos os imigrantes interestaduais que, em seguida, fizeram pelo menos uma etapa migratória intra-estadual. No Estado de Minas havia um contingente de 54.293 pessoas procedentes de outros estados que ainda fizeram, posteriormente, ao menos uma etapa migratória dentro do estado.

Estas pessoas foram excluídas da última linha da matriz de última etapa, referente aos imigrantes das mesorregiões procedentes de fora de Minas Gerais. Trata-se de pessoas procedentes de fora de Minas, mas com uma etapa entre mesorregiões, o que já foi computado na linha do total de imigrantes sem a diagonal principal.

A linha “imigrantes de retorno pleno” da Matriz 6 informa que havia 92.074

¹⁰ Em princípio, a soma da linha de última etapa de uma região pode ser menor do que a de data fixa (região onde os *reemigrantes* sejam mais numerosos do que os *emigrantes de passagem*), o que não acontece no caso analisado. Obviamente, o somatório das somas das linhas de última etapa tem de ser maior do que o somatório das somas das linhas de data fixa, devido aos *retornados plenos*.

MATRIZ 6
Mesorregiões de Minas Gerais – diferença entre os imigrantes de última etapa e os imigrantes de data fixa, por origem – 1986/1991

Mesorregião em 1986	Mesorregião em 1991											Emigrantes por etapas
	Noroeste de MG	Norte de Minas	Jequitinhonha	Vale do Mucuri	Triâng. e Alto Par. Mineira	Central de BH	Metrop. de BH	Vale do Rio Doce	Oeste de Minas	Sudoeste/ Sul de MG	Campos das Vert.	
Noroeste de MG	145	-11	41	737	282	219	-129	1	149	18	-1	1.448
Norte de Minas	759	383	-40	329	465	2.495	-35	25	385	2	363	5.130
Jequitinhonha	-91	94	478	501	45	2.618	739	37	-4	102	225	4.744
Vale do Mucuri	-20	86	427	67	81	1.834	777	86	115	24	81	3.559
Triâng. e Alto Paranaíba.	1.212	638	174	448	409	315	178	541	279	532	4.769	
Central Mineira	278	420	-34	573	1.798	422	305	39	269	4.184		
Metropolitana de BH	253	1.725	602	1.589	1.554	2.116	3.837	803	2.459	18.160		
Vale do Rio Doce	101	184	590	574	95	4.765	149	781	106	2.101	9.621	
Oeste de Minas	44	293	36	499	316	2.073	486	1.912	297	234	6.218	
Sudoeste e Sul de MG	-21	677	431	996	200	2.205	1.134	814	249	1.470	8.105	
Campos das Vertentes	150	1.015	399	560	31	1.344	1.363	782	3.028	1.325	10.589	
Zona da Mata	124	440	31	911	241	2.637	1.406	35	1.781	406	8.337	
Imigrantes inter-mesorregionais	2.789	5.716	2.601	7.337	3.758	22.397	10.149	4.643	10.633	2.325	9.060	84.966
Imigrantes de retorno pleno	2.973	7.098	4.116	6.051	3.873	18.918	13.755	4.343	13.855	2.146	11.519	92.074
Prop./ imigrantes de retorno pleno	10,2	7,6	12,2	13,5	3,4	12,2	3,6	10,6	8,1	7,6	6,6	8,7

Nota: Prop./ imigrantes de retorno pleno = Imigrantes de retorno pleno/Total de imigrantes de última etapa intermesorregionais (intra-estaduais).

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

pessoas que estavam em alguma mesorregião mineira em 1986, saíram para qualquer outro lugar e depois retornaram para a mesma mesorregião. Vale lembrar que grande parte dos *imigrantes de retorno pleno* da Matriz 6 são pessoas que, durante o período 1986-1991, saíram das mesorregiões, foram para outro estado e retornaram para a mesma mesorregião. Portanto, coincidem com os migrantes incluídos na Tabela 1.

Poder-se-ia pensar que a diferença entre o total de *retornados plenos* da Matriz 6 (92.074 pessoas) e da Tabela 1 (61.499 pessoas) somados aos 21.269 migrantes que declararam erroneamente residir há mais de cinco anos em Minas Gerais seria os *migrantes de retorno pleno* inter-regionais, uma vez que na primeira estão incluídos tanto os migrantes com origem em outra mesorregião, quanto os com origem fora do estado, ao passo que a segunda contém apenas os migrantes com origem fora do estado. Contudo, há um tipo de migração que não está incluída na Matriz 6, mas apenas na Tabela 1: o migrante que saiu de uma determinada mesorregião para outro estado ou país após 1986, retornou para um município da mesma mesorregião e depois ainda fez uma migração dentro dela.

De maneira geral, as maiores proporções deste tipo de migrante, em relação aos imigrantes de última etapa, coincidem com aquelas verificadas para o *retorno pleno* interestadual, apresentadas na Tabela 1.

Com proporções maiores que 10% encontram-se as mesorregiões Vale do Mucuri (13,5%), Central Mineira (12,2%), Jequitinhonha (12,2%), Vale do Rio Doce (10,6%) e Noroeste de Minas (10,2%). Com exceção do Noroeste de Minas, todas elas também possuem maiores proporções de *imigrantes de retorno pleno* interestadual.

Há um grupo intermediário formado pelas outras mesorregiões, nas quais a proporção dos *imigrantes de retorno pleno* varia de 8,7% (Zona da Mata) até 6,6% (Campos das Vertentes). Assim como no caso das migrações interestaduais, a mesorregião Triângulo/Alto Paranaíba

apresentou uma pequena participação deste tipo de imigrante (3,4%). A novidade fica por conta da RMBH, onde, diferentemente dos fluxos interestaduais, apenas 3,6% dos imigrantes de última etapa eram *retornados plenos*.

Novamente, verifica-se uma relação inversa entre dinamismo demográfico e *migração de retorno pleno*. Na RMBH dos fluxos inter-regionais – a principal área de atração dos migrantes procedentes do próprio estado – esta migração foi muito menos significativa que na RMBH dos fluxos interestaduais.

Enfim, o tratamento simultâneo das matrizes contendo os dados de última etapa, data fixa e a diferença entre ambas mostra o quanto é complexa a análise da mobilidade populacional. Também deixa clara a importância dos fluxos intra-estaduais na configuração das migrações de Minas Gerais. Em linhas gerais, Belo Horizonte se destaca como a principal área de destino e Campos das Vertentes, como a mesorregião que mais cedeu emigrantes, principalmente para o Sudoeste/Sul de Minas. Além disso, o Triângulo/Alto Paranaíba mostra seu vigor como área de atração dentro do estado.

Conclusões

O tema das trajetórias dos migrantes, particularmente da migração de retorno, tem despertado o interesse dos pesquisadores. O uso simultâneo das informações de última etapa e data fixa possibilitou uma contribuição ao estudo das etapas migratórias.

Não só a migração de retorno, mas também a *emigração de passagem* e a *reemigração* desempenham, muitas vezes, papel relevante no percurso dos migrantes. Os procedimentos metodológicos propostos tiveram a intenção de delinear um plano auxiliar para a análise das etapas migratórias, evidenciando sua complexidade. Porém, não se deve perder de vista o fato de que em uma pequena diferença entre os números de emigrantes de última etapa e data fixa pode estar implícito um certo número de etapas intermediárias, não captadas pelo censo.

De qualquer forma, apesar das limitações, o tratamento simultâneo das informações de última etapa e data fixa tem a vantagem de apontar caminhos para os estudos regionais, assinalando algumas das características predominantes no que se refere à emigração por etapas.

Por outro lado, no que tange à mensuração do número de *retornados plenos*, a metodologia é de grande praticidade, delimitando claramente um intervalo de tempo no qual se dão os dois movimentos necessários para se caracterizar a imigração de retorno – a saída e a volta. Outra vantagem é que a análise da migração de retorno não tem de se restringir apenas aos naturais da unidade de análise, como ocorre quando se tem apenas a informação de última etapa.

Vale ressaltar que a metodologia pode ser replicada para unidades menores do que o estado, como mesorregiões, mas também poderia ser aplicada para microrregiões, ou até mesmo municípios de maior população. Evidentemente, as dificuldades operacionais vão aumentando à medida que se desagrega o espaço.

Ao se trabalhar no nível de mesorregiões, observa-se o quanto é difícil e temerário estabelecer tipologias rígidas que tentem enquadrar as diversas características dos fluxos migratórios. Muitas combinações são possíveis no tocante aos tipos de etapas – *migração de retorno pleno*, *emigração de passagem* e *reemigração*.

Apesar disso, em linhas gerais, verificou-se que a participação do *retorno pleno* está associada mais claramente às mesorregiões tradicionais de emigração do Estado de Minas Gerais, ou seja, as de menor dinamismo socioeconômico.

A mesorregião RMBH é um caso exemplar. Em relação aos fluxos interestaduais, nos quais esta região não apresenta grande poder de atração, os imigrantes de *retorno pleno* são relativamente importantes. No caso dos fluxos intra-estaduais, em que a RMBH ainda é importante opção de destino dos migrantes, a participação do *retorno pleno* é muito menor. Portanto, mesmo uma única região com diferentes características dos fluxos migratórios – no

caso, intra-estaduais e interestaduais – pode apresentar diferentes participações da migração de retorno pleno, indicando estagnação ou dinamismo, dependendo da capacidade de atração populacional.

Quanto à emigração, o quadro torna-se mais heterogêneo. A participação da *emigração de passagem* associa-se, muitas vezes, ao dinamismo da região e à proximidade das áreas de atração, ao passo que a participação da *reemigração* ocorreu algumas vezes, quando a distância entre as mesorregiões de origem de data fixa e destino era relativamente grande.

Ainda assim, fica bastante claro que a migração direta entre mesorregiões, isto é, sem etapas intermediárias, prevaleceu amplamente. Uma vez efetivada a migração, mudar para um novo lugar ou retornar ao local de origem não é uma escolha predominante, indicando que, além de racionais, os movimentos populacionais têm seus custos.

Em que pese o crescente interesse pelo tema das migrações, os pesquisadores raramente têm levado em conta os problemas ao se tomar a diferença de imigrantes e emigrantes de última etapa como *proxy* para as estimativas de saldos migratórios. Foi visto, no decorrer deste artigo, que há grandes discrepâncias conceituais entre os migrantes de última etapa e aqueles que devem compor os saldos migratórios. Pode-se dizer que, quanto maior a diferença entre os *imigrantes de retorno pleno* e os *emigrantes de passagem*, dentro de um período considerado, maior será o erro do saldo migratório calculado por meio deste procedimento.

Nesse sentido, os saldos migratórios das mesorregiões e as etapas migratórias revelam que o Estado de Minas Gerais tem apresentado significativas transformações. A principal delas refere-se ao fato de a Região Metropolitana de Belo Horizonte estar experimentando a concorrência de outras regiões do estado como áreas de maiores ganhos populacionais quando se consideram os fluxos interestaduais – o destaque é o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, seguido do Sudoeste/Sul de Minas.

Por outro lado, a RMBH continua sendo a de maior ganho populacional líquido quando se consideram as migrações intra-estaduais. Portanto, apesar de e devido a todas as mudanças, a configuração espacial das migrações em Minas Gerais passa, necessariamente, pelas transformações da sua metrópole, quer seja como decorrência do enfraquecimento relativo de seu poder de absorção dos migrantes procedentes de outros estados, quer seja como poderosa área de atração dos migrantes provenientes do próprio estado, ou ainda como origem de migrantes à procura de novas oportunidades em outras regiões de Minas Gerais.

Finalmente, merece menção o fato de que o Censo Demográfico 2000 não permite a análise no nível de mesorregiões, como feito neste trabalho, ou de microrregiões e municípios, possível a partir do Censo Demográfico de 1991. Isso porque não foi mantido o quesito sobre a origem de última etapa no nível municipal. Sabe-se apenas a última unidade da Federação de residência do recenseado.

O novo Censo permite quantificar a *migração de retorno pleno* em cada município – pois foi mantida a informação sobre o tempo de residência no município – e saber se o movimento tem ou não origem em outra unidade da Federação. No entanto, torna-se impossível fazer a análise da emigração por etapas, isto é, da *emigração de passagem* e da *reemigração*, em qualquer nível mais desagregado do que a UF. Esta é certamente uma grande perda, ainda mais em um momento histórico em que as migrações de curta distância adquirem importância cada vez maior.

Referências bibliográficas

- BRASS, W. (ed.). *The demography of tropical Africa*. Princeton, Princeton University Press, 1973.
- CARVALHO, J.A.M. de. “Migrações internas: mensuração direta e indireta”. *Revista Brasileira de Estatística*, Rio de Janeiro, vol. 43, n. 171, jul.-set., 1982, pp. 549-583.
- CARVALHO, J.A.M. de *et al.* “Dados de migração de última etapa e data fixa do Censo Demográfico Brasileiro de 1991: uma análise preliminar de consistência”. *Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Belo Horizonte, Cedeplar/UFMG, 1998. Publicado em CD-ROM.
- CARVALHO, J.A.M. de & MACHADO, C.C. “Quesitos sobre migrações no Censo Demográfico de 1991”. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, ABEP, vol. 9, n. 1, jan.-jul., 1992, pp. 22-34.
- CARVALHO, J.A.M. de & RIGOTTI, J.I.R. “Os dados censitários brasileiros sobre migrações internas: algumas sugestões para análise”. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, ABEP, vol. 15, n. 2, 1998.
- COELHO, A., MENDONÇA, L.S.M. & ARAÚJO, M.B. “A reversão do comportamento migratório mineiro: um desafio ao planejamento”. *Análise e Conjuntura*, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, vol. 12, ns. 3/4, mar.-abr., 1982, pp. 46-88.
- COURGEAU, D. *Analyse quantitative des migrations humaines*. Paris, Mason, 1980.
- DOEVE, W.L.J. *How do we measure migration? The preferred migration questions for the global 1990 round of population censuses*. Groningen, Holanda, National University of Groningen, Department of Human and Economic Geography, 1986 (*Working Paper*, n. 100).
- MATOS, Ralfo Edmundo Silva. *Dinâmica migratória e desconcentração populacional na macrorregião de Belo Horizonte*. Tese doutorado em Demografia. Belo Horizonte, Cedeplar/UFMG, 1995. 223p.
- REES, P. “Does it really matter which migration data you use in a population model?”. In: *Contemporary studies of migration*, Norwich, Geo Books, cap. 5, 1985, pp. 55-77.
- RIGOTTI, J.I.R. *Fluxos migratórios e distribuição espacial da população na Região Metropolitana de Belo Horizonte: década de 70*. Dissertação de mestrado em Demografia. Belo Horizonte, Cedeplar/UFMG, 1994. 109p.

_____. "Compatibilidade entre as técnicas direta e indireta de mensuração das migrações". *Anais do X Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Belo Horizonte, ABEP/Cedeplar/UFMG, 1996, vol. 2, pp. 943-953.

_____. *Técnicas de mensuração das migrações: aplicações aos casos de Minas Gerais e São Paulo*. Tese de doutorado em

Demografia. Belo Horizonte, Cedeplar/UFMG, 1999. 142p.

ROGERS, A. *Requiem for the net migrant*. Boulder, University of Colorado, 1989 (*Working Paper*, n. 89).

UNITED NATIONS. *Manual VI: methods of measuring internal migration*. Nova York, United Nations, 1970.

Abstract

The article has the main objective to analyze the flows and the stages of the migrations happened in the "mesoregions" of Minas Gerais, during the period 1986-1991. It is also evaluated the role of the migratory balances in the demographic growth of each one of the "mesoregions". Interstate migrations and intra state migrations are also analysed. A technical procedure was elaborate in order to reach the objectives.